

lou-se na Escola Militar do Ceará, depois extinta. Rumou então para a Amazônia, onde, por largo tempo, como provisionado, exerceu a advocacia. Retornando ao Estado natal, bacharelou-se, em 1909, pela Faculdade de Direito do Ceará. Dotado de fina inteligência e arrebatados dons oratórios, já aos 15 anos dava destes as melhores provas. Na Tribuna do Júri, nos comícios públicos e festividades era o seu verbo constantemente reclamado. Granjeou ainda maior fama pela sua irreprimível verve e a sua admirável prontidão repentista, com as quais muito enriqueceu o anedotário brasileiro. São ainda hoje obrigatórias as anedotas de Quintino nas conversações alegres. Em verdade, foi um perdulário do talento e mais poderia ter legado à literatura pátria se não fora a displicência com que encarava a vida, não dando maior valia aos próprios méritos. Era poeta de lúcida inspiração: algumas das suas composições se tornaram populares, recitadas amiúde. Foi Deputado à Assembléia Legislativa do Estado (1913-1914). Faleceu no dia 1º de junho de 1943. Publicou: *Diferentes* (contos), 1895, com apresentação de Farias Brito; *A Morte de Cabeleira*, elegia, 1902; *Pelo Solimões (Versos Norte-Brasileiros)*, 1907, a sua obra principal; *O Estilo da Jurisprudência* (tese), 1928. Há também impresso o poemeto *A Pulga*, 1917.

11 — José Pedro SOARES BULÇÃO (Patrono: Martinho Rodrigues). Filho de Manuel Casimiro Soares e Florinda Tabosa Soares. Nasceu na vila de Arraial ou S. João da Uruburetama, hoje cidade de Uruburetama, em 13 de maio de 1873. Bem se poderá dizer que sua história “se resume em alguns períodos da vida agitada do Acre, quando da guerra pela sua independência, e da do Ceará em vários momentos de acesos debates políticos. Fez do Acre a sua mais notável arena de combate. Foi político de destaque, jornalista de grandes recursos, polemista incontido e temível”. Voltando ao Ceará, continuou a dar asas à sua visceral paixão partidária, combatendo desassombradamente pela vitória das suas idéias, na imprensa e no parlamento estadual, pois o elegeram duas vezes deputado à Assembléia Legislativa (1921-1924 e 1925-1928). Dentro dessa agitação, trabalhava sem cessar pelo engrande-

cimento de seu município nativo — “a minha aldeia, a encantadora povoação dos meus antepassados”, — e entregava-se, infatigavelmente, às perquirições da História e da Genealogia. Foi o maior dos nossos genealogistas, tendo deixado opulento acervo de notas e achegas para o indispensável levantamento da formação da gens cearense. Também foi genuíno poeta, estreando, em 1910, com as *Parêmias*, originalíssimo adagiário poético, tido como único na língua portuguesa. As suas produções líricas, muito bem limadas, encerram o espírito de acrisolado sentimentalismo e de invencível melancolia, que a morte da esposa — sua querida Mirandinha — inspirou e quase exacerbou. Pertenceu ao Instituto do Ceará. Faleceu em Fortaleza, no dia 17 de julho de 1942. Publicou: as citadas *Parêmias*, 1910; *Cartas Políticas de Solon Pinheiro*, 1912; *As Lutas do Ceará*; *A Função dos Partidos e o Dever Partidário*, 1925; *Anastácio Braga, sua vida e sua obra*, 1928; *Comendador João Gabriel (A Origem do Nome Acre)*, 1932. Deixou preparado *Heliantus*, considerado o seu maior livro.

12 — JÚLIO de Matos IBIAPINA (Patrono: Padre Ibiapina). Notável jornalista e professor, nascido na cidade de Aquirás, em 22 de setembro de 1890. Seus pais: Francisco Ibiapina Rodrigues de Oliveira e Ana de Matos Oliveira. Lente de Francês do Liceu do Ceará, da Escola Normal e do Colégio Militar do Ceará e, mais tarde, no do Rio de Janeiro. Como homem de jornal, escrevia bem e a polêmica lhe era um feitio. Fundou e dirigiu *O Ceará*, em Fortaleza, de orientação livre, anticatólica e oposicionista. Secretário da Fazenda do Estado. Retirou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde faleceu.

13 — MOZART PINTO Damasceno (Patrono: Pompílio Cruz). Filho de João Pinto Damasceno e Joaquina Cordeiro da Cruz Pinto, nasceu em Canindé, no dia 7 de dezembro de 1886. Estudou as primeiras letras na cidade natal, como aluno do Colégio Santo Antônio, dos Padres Capuchinhos. Matriculou-se, em 1902, no Ginásio Cearense, de Fortaleza, passou um ano e meio no Seminário Episcopal e, em seguida, frequentou o Liceu, onde terminou o curso secundário. Bacha-